

## Ogum's Toques Negros: um novo caminho para a escrita afrodescendente

Pedro Henrique Silva\*

Eu Falo  
A minha fala é um falo  
Que atravessa suas certezas culturais.  
(Miriam Alves).



Mesmo que a história literária e a maior parte do mercado editorial não queiram registrar, “Existe sim uma Literatura afro-brasileira!”. Com autores e pontos de vista próprios, essa forma de expressão artística constitui um projeto que visa um público e – principalmente – zela pela manutenção e (re-)significação da afrodescendência no Brasil. Assim, por meio da literatura, parte da memória negra se preserva à revelia do discurso histórico oficial.

Eis que nesse embate discursivo, os afrodescendentes vêm aos poucos construindo lugares alternativos para sua enunciação. A coletânea poética *Ogum's toques negros* surgiu nas redes sociais e seus *posts*, em aparições quase diárias, ganharam notoriedade, o que culminou no lançamento, nesse início de ano, do primeiro volume da coleção. Sob o axé de Ogum, o grupo tem no veículo impresso a abertura de novos caminhos. Organizado por

Guellwaar Adún, Mel Adún e Alex Ratts, a obra conta com autores experientes como Miriam Alves, Éle Semog e Lia Vieira, além de outros recém-chegados a essa seara, como Gabriela Ramos, Júlia Couto e Ari Sacramento.

Tomados pelo mesmo intuito, o volume nos faz rememorar a coleção *Cadernos Negros*, que há 36 anos publica anualmente contos e poesias de autores negros, o que vem contribuindo para a transformação da maneira de se pensar a negritude no Brasil. Como numa irmandade, escritoras e escritores que fazem parte da série organizada pelo grupo Quilombhoje, somam forças para a construção desta recente antologia publicada pelo coletivo soteropolitano. Com isso vê-se que, apesar dos veículos e aparelhos oficiais, negros, gays, mulheres e outras minorias sociopolíticas se articulam e elaboram novas fontes de resistência. Quanto a isso vale destacar o poema “Oin” de Mel Adún:

Não se iludam com a doçura do nome;  
Sou *oxê* bilaminado  
Alcançando a garganta dos que lutam  
Pra manter o *status quo*.  
O contorno do *agadá* de meu guerreiro.  
A seta certa do arqueiro.  
Nos dias de ouro renasço redonda.  
Dourada.  
Sou peixe pequeno beliscando a barra da saia  
Correnteza.  
Nesses dias...  
Adoço-me.

(ADÚN; ADÚN; RATTS, p. 151).

Se a memória de uma nação se constitui por meio de disputas, conforme ressaltou Michael Pollack, tem-se, nos versos da poeta, um exemplo da tensão entre a “história oficial” e a “história subalterna”. Mel Adún evoca o axé dos seus ancestrais para que eles a acompanhem em seu projeto de tensionamento do *status quo*; este é construído na sociedade por meio de formuladores de sentido como a Academia, a grande mídia e também por expressões artísticas como a literatura que por muito tempo prescreveu que os negros deveriam ocupar seus devidos lugares. Dessa forma, a literatura afro-brasileira é o *oxê* de Xangô, o *agadá* de Ogum e o *ofá* de Oxossi. Enquanto Xangô é o orixá responsável pela prevalência da justiça, que permite que o negro retome o lugar que lhe fora negado; Ogum se impõe, fazendo dobrar seus inimigos e forjando novos caminhos; já Oxossi, com suas setas, inicia a caça e, nesta empreitada, regressa trazendo fartura, bonança para o banquete dividido entre seu povo.

Assim, *Ogum's toques negros* oferece uma nova possibilidade estética, um outro caminho para a produção de afrodescendentes. Uma coletânea que soma e amplifica as vozes dos negros, mulheres, iniciados ao candomblé, e homossexuais, numa composição que, ao evocar seus ancestrais e os dramas atuais de seus pares, aponta para uma arte eticamente compromissada com a sociedade, e engajada com a restituição dos direitos que se concentram em poucos e até então solidificados estratos sociais.

Com isso, cabe ao leitor saudar o guerreiro que abre os caminhos e vence demandas e traz ao campo literário esse primeiro volume do grupo *Ogum's toques negros*. Oxalá queira (e oxalá aconteça) esta coletânea tenha tanto fôlego quanto sua predecessora. *Iuná Kubanga Kuta Kueto Nkosi!*

## Referências

ADÚN, Guellwaar; ADÚN, Mel; RATTS, Alex (Org.). *Ogum's toques negros: coletânea poética*. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2014.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento e Silêncio”. Disponível em: <[http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2013.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologias dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

---

\* Pedro Henrique Silva é Graduando da Faculdade de Letras da UFMG.

<sup>1</sup> *Nkosi*, aquele que briga por nós! *Nkosi* é um *Nkisi* da mitologia Bantu que tem sua imagem comumente associada à representação do orixá Ogum. (Tradução do autor).